

# VERDE

REVISTA MENSUAL  
DE ARTE E  
CULTURA

# MANIFESTO DO GRUPO VERDE

## DE CATAGUAZES



Este manifesto não é uma explicação. Uma explicação nossa não seria compreendida pelos criticos da terra, pelos innumeraveis conselheiros. b. b. que dogmatizam empoleirados nas columnas pretensas importantes dos jornaes mirins do interior. E seria inutil para os que já nos compreenderam e estão nos apoiando.

Nem é uma limitação dos nossos fins e processos, porque o moderno é innumeravel.

Mas é uma limitação entre o que temos feito e o monte do que os outros fizeram.

Uma separação entre nós e a rabada dos nossos adesistas de ultima hora, cuja adesão é um desconforto.

Pretendemos tambem focalisar a linha divisoria que nos põe do lado oposto ao outro lado dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros.

Nós não soffremos a influencia directa estrangeira. Todos nós fizemos questão de esquecer o francês.

Mas não pense ninguem que pretendemos dizer que somos—os daqui—todos iguaes.

Somos diferentes. Diversissimos até. Mais muito mais diferentes do pessoal das casas vizinhas.

Nossa situação topographica faz com que tenhamos, é facto, uma visão semelhante do conjuncto brasileiro e americano e da hora que passou, passa e que está para passar.

Dahi a união do grupo "VERDE". Sem prejuizo, entretanto, da liberdade pessoal, processos e modo de cada um de nós.

Um dos muitos particulares característicos do nosso grupo é o objectivismo.

Todos somos objectivistas quasi. Explicação? Não precisa. Basta metter a mão na cabeça, pensar, comparar e... concordar.

O logar que é hoje bem nosso no Brasil intellectual foi conquistado tão somente ao dionisiaco empreendimento do forte grupo de Bello Horizonte, tendo á frente o enthusiasmo moço de Carlos Drummond, Martins de Almeida e Emilio Moura, com a fundação da A REVISTA, que embora não tendo tido vida longa, marcou epoca na historia da innovação moderna em Minas. (\*)

Apesar de citarmos os nomes dos rapazes de Bello Horizonte, não temos, absolutamente, nenhuma ligação com o estilo e vida literaria delles.

Somos nós. Somos VERDES. E este manifesto foi feito especialmente para provocar um gostossimo escandalo interior e até vaiaes intimas.

Não faz mal, não. E' isso mesmo.

Acompañamos S. Paulo e Rio em todas as suas innovações e renovações estéticas, quer na litteratura como em todas as artes bellas, não fomos e nem somos influenciados por elles, como querem alguns.

Não temos paes espirituaes. Ao passo que outros grupos, apesar de gritos e protestos e o diabo no sentido do abrasileiramento de nossos motivos e de nossa fala, vivem por ahi a pastichar o "modus" barbaro do sr. Cendrars e outros franceses escovados ou pacatissimos.

Não temos pretensão alguma de escanchar os nossos anigos. Não. Absolutamente.

Queremos é demonstrar apenas a nossa independencia no sentido escolastico, ou melhor, «partipario».

O nosso movimento VERDE nasceu de um simples jornaleco da terra—JAZZ BAND.

Um pequeno jornalsinho com tendencias modernistas que logo scandalizaram os pacatissimos habitantes desta Meia-Pataca. Chegou-se mesmo a falar em bengaladas...

E dahi nasceu a nossa vontade firme de mostrar a esta gente toda que, embora morando em uma cidadezinha do interior, temos coragem de competir com o pessoal lá de cima.

A falta de publicações, casas editoras e dinheiro—tinha feio com que ficassemos á espera do momento propicio para apparecer.

Mas VERDE sahiu. VERDE venceu. Podemos dar pancadas ou tomar. Não esperamos applausos ou vaiaes publicas, porque aquillo que provoca verdadeiro escandalo põe o brasileiro indifferente, na apparencia... com medo ou com vergonha de entrar no barulho.

Sim. Não esperamos applausos ou vaiaes publicas. Os applausos de certos publicos envergonham a quem os recebe, porque nivelam a obra applaudida com aquelles que o compreenderam.

Não fica atraz a vaia. A vaia é as vezes ainda uma simulada expressão de reconhecimento de vaiores...

Porisso preferimos a indifferença. Esta será a mais bella homenagem que nos prestarão os que não nos comprehendem. Porque atacar VERDE? Somos o que queremos ser e não o que os outros querem que sejamos. Isto parece complicado, mas é simples.

Exemplo: os outros querem que escrevamos sonetos liricos e acrosticos portuguezes com nomes e sobrenomes.

Nós preferimos deixar o soneto na sua cova, com os seus quatorze cyprestes importados, e cantar simplesmente a terra brasileira. Não gostam? Pouco importa.

O que importa, de verdade, é a gloria de VERDE, a victoria de VERDE. Esta já ganhou terreno nas mais cultas cidades do paiz.

Considera-nos, a grande imprensa, os unicos literatos que tem coragem inaudita de manter uma revista moderna no Brasil, emquanto o publico de nossa terra, o respeitavel publico, nos têm em conta de uns simples malucos creadores de coisas absolutamente incriveis.

E' positivamente engraçado. E foi para dizer estas coisas que lançamos o manifesto de hoje, que apesar de tão encarecido nada tem de manifesto, apenas um ligeiro rodeo em torno da nossa gente, nosso meio.

### RESUMINDO:

1º.) Trabalhamos independentemente de qualquer outro grupo literario.

2º.) Temos perfeitamente focalizada a linha divisoria que nos separa dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros.

3º.) Nossos processos literarios são perfeitamente definidos.

4º.) Somos objectivistas, embora diversissimos, uns dos outros.

5º.) Não temos ligação de especie nenhuma com o estilo e o modo literario de outras rodas.

6º.) Queremos deixar bem frisado a nossa independencia no sentido "escolastico".

7º.) Não damos a minima importancia á critica dos que não nos comprehendem.

E é só isso.

Henrique de Resende      Christophoro Fonte-Bôa

Ascanio Lopes              Martins Mendes

Rosario Fusco              Oswaldo Abritta

Guilhermino Cesar        Camillo Soares

Francisco I. Peixoto.

(\*) Elles é que primeiro catechizaram os naturaes de Minas e nos animaram com o exemplo para a publicação de Verde.



: : DIRECTOR : :

HENRIQUE DE RESENDE

.....

: REDACTORES :

MARTINS MENDES

: : : : E : : : :

ROSARIO FUSCO

# VERDE

REVISTA MENSAL  
DE ARTE E  
CULTURA

NUMERO . 1

ANNO . . . 1

.....

:: REDACÇÃO ::

:: : E : : : :

ADMINISTRAÇÃO

RUA CEL. VIEIRA, 53

CATAGUAZES - MINAS

## NESTE NUMERO DA "VERDE":

CARLOS D. DE ANDRADE

EDMUNDO LYS

T. DE MIRANDA SANTOS

ASCANIO LOPES

EMILIO MOURA

MARTINS DE OLIVEIRA

ROBERTO THEODORO

GUILHERMINO CESAR

CAMILLO SOARES

HENRIQUE DE RESENDE

FRANCISCO I. PEIXOTO

MARTINS MENDES

OSWALDO ABRITTA

FONTE BOA

ROSARIO FUSCO

SIGNAL DE APITO

VIAGEM SENTIMENTAL

BLÓCO

SERÃO DO MENINO POBRE

INQUIETAÇÃO

FUNCÇÃO

SAMBA

SANTINHA DA ENCARNAÇÃO (conto)

NOCTURNO (poema)

O ESTRANHO CASO DE MATIAS

A CIDADE E ALGUNS POETAS

PRELUDIOS

TERNURA

PARADOXO

UM POEMA

UM POEMA

E' PRECISO PAZ NA ARTE MODERNA

NOTAS DE ARTE E OUTRAS NOTAS

# FABRICA DE MACARRÃO

**MASSAS ALIMENTICIAS**

: : E : :

**REFINAÇÃO DE ASSUCAR**

## SALGADO & C.

Premiada na grande Exposição Internacional do Centenario de 1922 e com Medalha de Ouro pelo Instituto Agricola Brasileiro.

**Massa refinada de puro trigo escolhido**

Esta massa sendo fabricada com semolina de superior qualidade, constitue um alimento são e nutritivo, possui um gosto agradável e apresenta tal augmento ao consinhar-se, que se póde usar um terço menos das de outras semelhantes.

**Premiada com medalha de ouro na  
Exposição de Bello Horizonte em 1927**

Recommenda-se aos Srs. consumidores a preferencia sobre as outras massas  
:: :: não só pela confecção como pelo systema de acondicionamento :: ::  
N. B. — Para a conservação da massa é necessario guardal-a em lugar enxuto.



CAIXA DO CORREIO, 6 -- E. F. L.

**CATAGUAZES - E. MINAS**

# CENTRO INDUSTRIAL

## Serraria, Carpintaria e Officina

\* \* \* **Mechanica** \* \*

# JOSÉ IGNACIO DA SILVEIRA

## VILLA DOMINGOS LOPES

TELEPHONE, 94

# CATAGAUZES -- MINAS

# ATENÇÃO

V. S.—Poderá gastar bem o seu dinheiro comprando na CASA PREDILETA recentemente inaugurada. Esta casa poderá fornecer a V. S. as maiores vantagens possíveis, não só nos seus preços, como também na qualidade dos seus artigos.

### Unicos especialistas:

Em ferragens, tintas, oléos, louças, vidros, cristaes, artigos para presentes  
:: :: :: :: :: :: perfumarias, artigos sanitarios, etc. :: :: :: :: ::

## APRIGIO GUERRA & CIA.

35 -- RUA CEL. JOÃO DUARTE FERREIRA -- 35

:: :: PHONE, 81 :: ::

# Cataguazes — Minas

**CASA VILLELA**

== == DE == ==

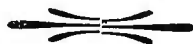
**VILLELA & FILHOS**

NEGOCIANTES DE MANTIMENTOS, MOLHADOS E MIUDEZAS

**TELEPHONE, 148**

PRAÇA RUY BARBOSA Ns. 3 E 5 — CATAGUAZES

**BEAU GESTE**



Um film de alta qualidade com todas as emoções do odio, da afeição, da coragem do sacrificio. Um grupo de interpretes notaveis, RONALD COLMAN, NEIL HAMILTON, ALICE JOYCE, MAY BRIEN, NOAH BERRY, RALPH FORBES E NORMAN TREVOR. Um film que celebrará a programação do Recreio no dia 6 de Outubro.

**ALFAIATARIA SUCASAS**

**JOSE' F SUCASAS**

TEM SEMPRE UM VARIADO

:: :: SORTIMENTO DE CASEMIRA NACIONAL E EXTRANGEIRA :: ::

**Não teme rivalidade pela elegancia do corte  
e pontualidade nos serviços**

**Praça Ruy Barbosa, 10 -- Tel. n. 73**

**CATAGUAZES -- MINAS**

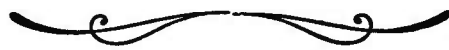
# CASA RAMA

A MAIS BARATEIRA DA ZONA

FAZENDAS, ARMARINHO,

CHAPÉOS, CALÇADOS, ETC.

Ferragens e louças



SECCOS E MOLHADOS

*Rama & Comp.*

ATACADISTAS



Rua Rebello Horta, 33 a 45

Caixa Postal, 27 ... Telephone, 21

**CATAGUAZES -- E. DE MINAS**



# CASA CARCACENA

:: :: DE :: ::

Domingues, Côrtes & C.

PHONE N. 1

**E' a que melhor serve e mais**

**: : : barato vende : : :**

# Gymnasio Municipal de Cataguazes

DIRECTOR — ANTONIO AMARO M. COSTA

**Internato — Pensionato — Externato**

Anno lectivo — 15 de fevereiro a 15 de novembro

**CATAGUAZES -- E. F. L. -- MINAS**

**:: :: :: Phone, 13 :: :: ::**

Pedidos de estatutos e demais informações ao Director-Secretario — Martins Mendes

# A CASA PEIXOTO

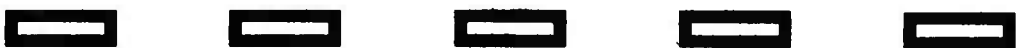
bate o record em preços e na qualidade de todos os artigos de seu vastissimo sortimento



Comprar na Casa Peixoto é ter certeza absoluta de comprar barato.



Brins e riscados vendem-se pelo custo.



CATAGUAZES -- E. DE MINAS

**POLAR** o elegante sapato para Homem

**VICTOR** A MAIS LINDA VICTROLA

**VELOX** o delicado sapato para Senhoras

**RADIO** A SEDA MAIS MODERNA

**L'HEURE BLEU** O PERFUME DA MODA

PODEM SER ENCONTRADOS

NA CASA

**Henriques Felippe & C.**

# CASA LIGEIRO

**E' INCONTESTAVELMENTE A MELHOR E A MAIOR  
CASA DESTA CIDADE**

DIARIAMENTE GRANDES EXPOSIÇÕES DE SEDAS  
E NOVIDADES RECEBIDAS DIRECTAMENTE

**TODOS À CASA LIGEIRO**

(Em frente ao Banco do Brasil)

## Antonio da Silva Ligeiro

**Cataguazes — teleph. 60 — Minas**



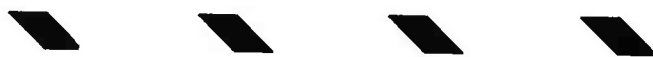
**::: JOSÉ :::**

Interessante filhinho do sr. João Ferreira Vargas e d. Maria das Dôres Lisbôa Vargas, residentes em Leopoldina, no Estado de Minas.

Com uma dóse do **Vermicida Cesar**, que é o melhor de todos os lombrigueiros, expelliu mais de 500 lombrigas, ficando alegresinho, sadio e forte como se vê.

# A' BRASILEIRA

Esta casa tem tudo o que V. S. precisar  
e os seus preços não têm competidores.



Rua Cel. João Duarte Ferreira, 16 a 22

**PHONES** } 55 BALÇAO  
55-A TYPOGRAPHIA

**CATAGUAZES -- E. DE MINAS**



## MANTEIGA DE 1<sup>A</sup>

SEMPRE NOVA E GELADA

**P**ARA serem bem servidos neste genero exijam as  
caixas da LEITERIA evitando assim pagarem o colossal  
peso das latinhas, que levam menos 30 grammas.



**Entrega-se a domicilio**

**PHONE, 122**

**Cataguazes — Estado de Minas**

**NOTA — A LEITERIA DÁ COPOS DE CRISTAL AOS FRE-  
GUEZES DE SORVETE, A TITULO DE RECLAME.**

# VERDE

ANNO 1

CATAGUAZES — SETEMBRO 1927

NUMERO 1

## SUMMARIO

Signal de Apito — Carlos D. de Andrade.  
Viagem Sentimental — Edmundo Lys.  
Blóco — T. de Miranda Santos.  
Serão-do Menino Pobre — Ascanio Lopes.  
Inquietação — Emilio Moura.  
Funcção — Martins de Oliveira.  
Samba — Roberto Theodoro.  
Santinha da Encarnação (Conto) e Nocturno  
(Poema) — Guilhermino Cesar.  
O Estranho caso de Matias — Camillo Soares.  
A Cidade e Alguns Poetas e Preludios — Henrique de Resende.  
Ternura — Francisco I. Peixoto  
Paradoxo — Martins Mendes.  
Um Poema — Oswaldo Abritta.  
Um Poema — Fonte Bôa.  
É Preciso Paz na Arte Moderna — Rosario Fusco.  
Notas de Arte e Outras Notas.

## APRESENTAÇÃO

**R**EMY DE GOURMONT costumava dizer que se as discussões literarias interessassem ao povo, haveria tantas guerras mortíferas — entre intellectuaes, quanto as guerras civis e religiosas. Interessante, não acha você? Pois é. A principio parece paradoxo. Mas não é paradoxo nem cousa nenhuma. É, simplesmente, uma verdade. Sim, senhor, uma grande verdade!

\* \* \*

Esse negocio occorreu-nos á memoria a proposito do apparecimento deste primeiro numero da nossa revista, VERDE.

«Apparecemos para um publico que não existe». Vamos ser incompreendidos e criticados. E' certo. Mas, que esse publico ainda virá a existir, é certo tambem. É certo e é um consolo... Portanto, conversar muito é bobagem!

Somos novos. E viemos pregar as ideias novas da Nova-Arte.

E só.

E está acabado.

E não precisa mais.

\* \* \*

Abrasileirar o Brasil—é o nosso risco.  
P'ra isso é que a VERDE nasceu.  
Por isso é que a VERDE vae viver.  
E por isso, ainda, é que a VERDE vae morrer.

\* \* \*

Ponto. Leitor camarada: muita honra e muito prazer em conhecê-lo. Disponha.

## A CIDADE E ALGUNS POETAS

Eis aqui uma coisa velhissima: nós, os poetas brasileiros, com excepção minima de alguns senhores de avariado gosto, já nos cançámos de receber o que nos tem chegado, em materia de arte, pelo correio de Paris.

Mas, apesar dessa coisa velhissima, até agora poeta nacional ainda não houve, sobretudo de ha uns vinte annos para cá, que não imitasse, decalcasse ou mesmo copiasse o sr. Albert Samain — este melancolico francez que vem regando ininterruptamente, com os seus inevitaveis repuxos, os desolados jardins da poesia brasileira.

Se não foi Samain, com os seus repuxos e respectivos tanques, quase sempre de marmore polido, foi Rodenbach, debruçado, a choramingar, sobre os canaes de Bruges, ou Mallarmé, com o bimbalar dos seus carrilhões de bronze antigo.

E quando saíssemos de Mallarmé, Rodenbach, ou de Samain, esbarrar-nos-íamos, por força, com o sr. Paulo Verlaine, a desfiar o seu rosario nos fundos de uma igreja qualquer de Paris.

Todo mundo sabe disso, mas convem repisar.

Passada e repassada a dita turma, sem falarmos sequer nos respeitaveis macetões do parnasianismo, tão do agrado do sr. aca-

demico pharmaceutico Alberto de Oliveira, veio a wildemania.

Sim.

Oscar Wilde abriu na feira literaria do Brasil um sortido armazem de Salomé. O maravilhoso autor de *De Profundis* e tantas outras obras de inconcebivel relevo, não poderia nunca imaginar que profundo sentimento de belleza viria despertar no coração dos jovens brasileiros o seu immortal poema hebraico da Salomé.

Mas desse profundo sentimento de belleza nasceu — para desgraça nossa — uma deploravel preocupação de decalque.

Todos nós sonhámos com Salomé.

Todos nós tentámos crear a nossa Salomé.

E a cabeça de Yokanaan rolou, por varias vezes, decepada pelo gume fino de nossa penna.

E não houve joven da geração citada que não contemplasse a Lua — essa pobre e indefesa victima dos nossos abusos líricos — dansando a dansa magica dos sete véos no tablado xadrez da abobada celeste.

Ahi estavamos quando veio a modernissima geração.

E com ella vieram os legitimos, os verdadeiros reacionarios.

Oswald, a acreditamos em Paulo Prado, «numa viagem a Paris, do alto de um atelier da Place Clichy — umbigo do mundo — descobriu, deslumbrado, a sua propria terra».

Voltou e aqui fundou esta coisa engraçada que se chama *poesia modernista brasileira*.

E enquanto, depois d'elle, recebiamos Blaise Cendrars no Rio e em S. Paulo, Oswald, Mario, Graça, Ronald, Guilherme, Ribeiro Couto e outros confirmaram a existencia dessa nova literatura, artigo nacionalissimo, e pediram a Cendrars que berrasse, em Paris, do alto do mesmo atelier da Place Clichy, para que toda a França ouvisse, que tambem nós já temos materia prima para a fabricação de uma literatura *nossa*, completamente *libertada* do pesado jugo de outras literaturas.

De como se vê, a reação brasileira nasceu de um remorso: — o remorso de haver-mos imitado, copiado e decalcado sem precisão, durante tantos annos, quando deveramos ser o modelo novo de uma literatura nova.

De entre os muitos bens que nos trouxe o modernismo, sobresáe, é certo, a liberdade com que sonhavamos.

Dahi o abandonarmos tudo que pudessem subjugar-nos o espirito, — como são os canones de toda especie.

E com a liberdade veio o amor a todas as coisas bellas.

E tudo que é nosso irrompeu no ritmo novo de uma geração nova.

Já não pensamos em Bruges-la-Morte com os seus carrilhões e os seus canaes.

Já não sonhamos Veneza com as suas gondolas e os seus passadiços. Já não cobicamos a nudez de Salomé. E nem tampouco — oh Deus misericordioso! — já não nos embebeda o macetissimo luar de Verona.

Hoje contamos o que é nosso com palavras nossas. O verde das nossas mattas e o mysterio das nossas selvas. O esplendor dos nossos campos e a força bruta das nossas aguas. A fartura das nossas lavouras e o ouro dos nossos garimpos. O brilho metálico das nossas montanhas e o trabalho das nossas fabricas rangendo.

Os modernistas vivem, não ha duvida, numa desordem ensurdecadora.

Mas não importa.

O que importa é o triumpho da reação, que se faz patente em todos os recantos do paiz.

Entre nós, em Bello-Horizonte, ahi estão João Alphonsus, Abgar Renault, Emilio Moura, Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade e outros — líderes de um movimento surpreendente — e, em Juiz de Fóra, Lage Filho, Edmundo Lys, Theobaldo de Miranda, Rubem Moreyra etc.

Minas acompanha S. Paulo e Rio em todas as suas modernas manifestações estheticas, não desmentindo, assim, que sempre foi, é, e ha de sempre ser o berço dos que se degladiam pelas supremas aspirações, — hontem, a liberdade politica, hoje, a liberdade de pensamento.

Mas o movimento modernista em Minas não se limita ao de Bello-Horizonte e Juiz de Fóra.

Tambem aqui, nesta pequenina cidade de algumas milalmas, cresce a flôr maravilhosa do espirito moderno.

Vindo de um centro de intellectuaes aqui vivi dois annos e meio na mais completa ignorancia de que em Cataguazes, minha cidade natal, tambem se cultivava «a vagabundagem lirica do espirito...»

E eis que uma bella tarde me appareceu Rosario Fusco — poeta de uma sensibilidade estranhissima, cujos versos cheirando ás mais profundas raizes que se afinam no seio moreno da terra brasileira, souberam abrir na minha sympathia um lugar que é hoje bem seu.

Depois, pelas mãos de Fusco, veio Camillo Soares Filho — intelligencia revoltada,

espírito desalinhavado, cheio de grandes exageros, é certo, mais não menos brilhante que o primeiro.

E agora, pelas mãos de Camillo, veio vindo Francisco Ignacio Peixoto — poeta dos poemas simples, que naturalmente escreveria a *Costureirinha* se Ribeiro Couto já a não houvesse escripto.

Formado este pequeno grupo, a que se juntou, uma bella noite, Renato Gama — joven de requintados talentos pianisticos — outros mais apareceram, dois delles conhecedissimos entre nós: Antonio Martins Mendes e Guilherme Cesar.

Finalizando a citação juntaremos os nomes de Fonte Bôa e Oswaldo Abritta, creadores de coisas commoventes e bellas, que e

completam o quadrado luminoso dos que hoje apparecem em VERDE, a mostrar á intellectualidade do Brasil que tambem em Cataguazes, pequenina cidade do interior de Minas, o espirito moderno içou a bandeira verdamarella do reacionismo, formando ao lado daquelles que se esforçam pelo triumpho da mais linda cruzada intellectual de nossa terra.

E foi para falar sobre estes poetas novos, literatos de literatura essencialmente brasileira, que alinharei tanta coisa velha, com estylo passadista e ridicula citação de alguns francezes sovadissimos...

HENRIQUE DE RESENDE.

## E' PRECISO PAZ NA ARTE MODERNA

Começo por confessar que não entendo nada desse banzé damnado que a gente de peso na Arte Moderna vem fazendo actualmente.

Por exemplo: o sr. Prudente de Moraes, neto, escanCHA com o sr. Plinio Salgado —o maravilhoso romancista de *O Estrangeiro*. O sr. Augusto F. Schmith, de outro lado, escanCHA com o sr. Prudente, neto, porque elle escanCHOU com o Plinio Salgado! O sr. Buarque de Hollanda, por sua vez, estrilla com o trio Renato Almeida—Graça Aranha—Ronald de Carvalho! O sr. Esmeraldino Olympio—sabendo disso—dá a admiração que elle tem pelo trio, escanCHA com o sr. Sergio Buarque de Hollanda, com o Prudente Neto, e até com o coitado do Alcantara Machado que nada tem com isso! Por ahi se vê que a gente está navegando numa incerteza damnada. Ninguem sabe o que quer! Mas todo mundo quer uma coisa. E dahi é que nasce esse banzé de cuia.

\* \* \*

E' preciso acabar com isso. Preciso mesmo! Na Arte Moderna não ha *escolas*, nem nada. Portanto, cada um prá si. Cada um é o lider de si mesmo (conforme me disse numa carta a intelligencia magnifica de Martins de Almeida.) Tem que ser assim e está acabado! Esse negocio de torcida é só no futebol. Nada de politica! Nada de partidos! Nada de polemicas! Nada. Nada. Nada!

Na Arte Moderna criticar outro moderno é besteira. Besteira e da grande. A gente

dizer que o gajo parece com o poeta tal, que está influenciado por esse poeta—ainda vá... Mas chamar o outro de bobo, isso é que não! Quem chamar outro de bobo é mais bobo do que elle (o outro...) Porque na Arte Moderna a gente segue a emoção pura e espontanea de cada um. Se o poeta Affonso Arinos, sobrinho, por exemplo, não faz versos tão bons como os do sr. Ribeiro Couto, é porque a sensibilidade delle não dá prá isso. Ou por outra, não é igual a do sr. Ribeiro Couto. Portanto, nos versos de cada um está á amostra a sensibilidade do poeta. Si elle escreve mal, acompanha a emoção que sentio quando escreveu. Portanto, foi livre. Foi expontaneo. Fez o que sentio. E, se escreve bem—a mesmissa coisa! Por isso combater os outros é besteira. Principalmente besteira.

\* \* \*

Nada de encrencas. E' preciso acabar com isso! Mas acabar de verdade mesmo!

\* \* \*

Cada um que rompa o mattagal com o seu machado!—,como disse num grito de entusiasmo o sr. Austen Amaro. Esse é o melhor processo de paz na Arte Moderna. Bom. Sincero. E pratico, por enquanto. E' o que eu adopto... até que appareça outro melhor.

ROSARIO FUSCO



## FUNÇÃO

ROYALINO é o sapo humano.

Salta, espantado, galga a mēsa.

A multidão do vasto circo está silenciosa, mastigan-  
do apenas.

Espanto num momento.

O bombo explode, surdo, em surdo som.

ROYALINO rola.

E ri.

E se desloca em movimentos rapidos.

(As pernas estão voltadas para o ar, e as  
mãos curvadas para baixo.)

ROYALINO vê o mundo então virado para cima.

Depois... muda de posição, e vira finalmente

num montão de membros tortos sobre o peito.

A multidão, como se fosse um olho só, move-se contente.

Vem o palhaço, dá uma gargalhada, e leva aquillo  
tudo para a barraquinha.

A musica rebenta num dobrado chula, e o povo diz que  
tudo é velho, sim, senhor.

MARTINS DE OLIVEIRA.

Do livro *Pátria Morena*, a sahir.

## SERÃO DO MENINO POBRE

Na sala pobre da casa da roça  
Papae lia os jornaes atrazados.  
Mamãe cerzia minhas meias rasgadas.  
A luz fraca do lampeão illuminava a mesa  
e deixava nas paredes um bordado de sombras.  
Eu ficava a ler um livro de historias impossiveis  
—desde creança fascinou-me o maravilhoso.  
A's veses, Mamãe parava de costurar  
—a vista estava cansada, a luz era fraca,  
e passava de leve a mão pelos meus cabellos,  
numa caricia muda e silenciosa.

Quando Mamãe morreu  
o serão ficou triste, a sala vazia.  
Papae já não lia os jornaes  
e ficava a olhar-nos silencioso.  
A luz do lampeão ficou mais fraca  
e havia muito mais sombra pelas paredes.

E, dentro em nós, uma sombra infinitamente maior...

ASCANIO LOPES

## INQUIETAÇÃO

As horas passam lentas como beijos,  
ou rapidas como settas.

Nem desejo de continuar, nem vontade de parar.  
Eu só queria que minha vida fosse uma pagina em branco,  
sem dizeres que não dizem nada,  
porque sempre é a mesma inutilidade,  
é sempre o mesmo espectáculo.

(Não é covardia, não: covardia é fingir um estado de alma que não existe,  
só para dizer que se libertou pela intelligencia... ou pela burrice.)  
Eu só me liberto pela sinceridade.

Quando estou alegre—canto;  
si estou triste, a minha voz tem outro rythmo:  
vem molhada de sereno,  
do sereno da minha agonia, do meu extase, do meu tedio!...

Mas o tempo não para:  
As horas passam lentas como beijos,  
ou rapidas como settas...

## SIGNAL DE APITO

Um silvo breve: Attenção, siga.

Dois silvos breves: Pare.

Um silvo breve á noite: Accenda a lanterna.

Um silvo longo: Diminúa a marcha.

Um silvo longo e breve: Transito impedido em  
todas as direcções.

Tres silvos longos: Motoristas a postos.

(A este signal todos os conductores tomam logar  
nos seus vehiculos para movimen-  
tal-os immediatamente.)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.

## SANTINHA DA ENCARNAÇÃO

Como os jornaes macetissimos da minha terra, a mocidade de Tancredo Celestino passou quasi despercebida. (E' que a existencia de muita gente não passa, ás vezes, de um folhetim de jornal. De um artigo que se não lê.)

Assim como o *orgão litterario. politico e noticioso. collaborador efficiente do progresso municipal.* o Tancredo considerava-se turuna e tinha uns ares de *conquérant* irresistivel. A *folha* era caprichada. Columnas abertas por qualquer coisa. Titulos pomposos. — Apparencias...

Ao hebdomadario, a politica emprestou uma vida logar-commum. Ao Tancredo, a mulher deu a subserviencia de um titere.

—No meu tempo... ah! no meu tempo...

Via-se capaz de concentrar, num gesto, toda a sua sympathia. Era uma attitude mal photographada. Uma attitude que nem todos comprehendem.

Acreditava no tempo longinquo da mocidade.

Inteirava-se, ainda mais, desta coisa perigosa: soubera viver os seus momentos. Amara. Fôra amado. E figurão nos bailes.

Com que enternecimento Tancredo recordava!

A mulher — que o destino collocara, como um conductor impertinente, no bonde rotineiro da sua vida—não era, por certo, a companheira entresonhada.

Gorda. Quasi redonda. Feições masculinizadas.

Entretanto, gostava da Santinha da Encarnação. Apesar das rugas, das briguinhas—que eram como que o pão nosso de cada dia... Apesar da mulher ter sido um

cartaz enganador. Os olhos della—annuncio luminoso promettendo mil caricias. Caricias que duraram, tão somente, os três annos de noivado.

Depois...

E Tancredo, tendo nas mãos seu antigo rosario de contas grossas, rezava e maldizia a sina. Em casa, só rezando conseguia analysar socegradamente as trabalheiras da vida. Fôra disto, vinham os filhos. E as filhas queixosas. E a mulher—aquella Santinha que discutia e gesticulava como um italiano.

As meninas do cel. Mottinha (a *folha* chamava a todo o mundo de coronel) andavam bem vestidas. Por quê razão o Tancredo, que trouxera algumas pillas de dote, não dava o mesmo conforto aos filhos?

—Lerdeza! Jogo de bicho!

E vinha sobre o inoffensivo escriptuario uma série de descomposturas...

Tambem, elle remoia em silencio o seu odio. Não era senhor de pensar em voz alta. Si dava um passo, vinha em seguida —com a frequencia das listas para isto assim-assim—a critica impiedosa da esposa.

Entretanto, gostava da Santinha da Encarnação. Apesar das rugas, das briguinhas—que eram como que o pão nosso de cada dia...

Agora, a Santinha apparecia bem vestida.

Tancredo, absorvido pela azafama do escriptorio, passava a maior parte do dia fóra de casa. Não soube explicar a proce-

dencia daquelle vestido de *crepon* de sêda. Temeu indagal-o da mulher.

Engoliu o almoço ás pressas. Para ficar livre daquelle inferno. Lá dentro, no quarto da filha mais velha, o Paulinho—ultimo rebento daquelle casal—fazia um berreiro dos diabos.

Queria um *tomovinho* como aquelle do Ignacio do dr. Domingos.

Tancredo Celestino não se despediu das filhas com o té logo costumeiro. Desceu a ladeira sem se voltar. Carregando uma revolta e os callos. Os callos fieis que o não deixavam.

—Mulher infiel!

—E você? Um pamonha, um desavergonhado que não cuida dos filhos! Que deixa a mulher em casa trabalhando e sofrendo!

Todo aquelle destampatorio por causa do chôfer que conduzia a baratinha do doutor. Aquelle encontro arruinou ainda mais a infelicidade do marido.

—A Santinha... Ora, a Santinha era deshonesto, além de ter um coração damnado de jararaca!

Pensou em deixar a mulher. Assumitou. Commetteu o ridiculo de consultar as

contas do rosario: sim, não, sim, não... sim! O rosario respondeu que sim.

Entretanto, deixou-se vencer pela esposa: Pela criatura violenta que era um rotulo falso—doirado de meiguice—dissimulando a intensidade do veneno.

12 horas estafantes. Um carrinho de sorvete passa ringindo... O negro que o conduz faz lembrar a enxada. Alto. Gordo. Suando pelos sete póros, transporta a sorveteira naquelle *navio* que é a alegria da criançada. O *Minas Geraes* vende sorvete tão barato!

—Dá um tostão ao menino.

—Não tenho trocado.

—*Um tufão só, Papae.*

Tancredo Celestino consulta, de novo, as algibeiras. Nem um nickel. O diabo!

É a mulher:

—Coitado do Paulinho... Você, Tancredo, é um pae pamonha!...

Entretanto, elle gostava da mulher. Apesar das rugas, das briguinhas—que eram como que o pão nosso de cada dia...

GUILHERMINO CESAR.

VERDE

Publicará no proximo numero collaboração inédita de: ABGAR RENAULT, ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO, RIBEIRO COUTO e outros :: :: nomes em evidencia na Moderna Literatura Brasileira :: ::

## VIAGEM SENTIMENTAL

Tremzinho de brinquedo  
brincando de viagem no meio da paisagem  
Pastos collinas roças collinas collinas MINAS  
choças de sapé beirando os brejos  
choças de sapé na ponta dos trilhos  
moleques nús trepados nos barrancos  
samambaias cafés bananas milhos

—  
Cachorros magros correm atraz do trem  
—

Caixa dagua  
café com brôa  
laranjas  
bananas  
pasteis queentinhos um por um tostão

—  
O trem remexe atrapalhando os trôcos  
estrala os truques  
range a engrenagem e sai chiando des-  
filando serra abaixo pega a  
reta desganhado até que chega  
guinchando na estação

Ella entra no trem de repente  
ella talvez nunca tenha estado num soneto  
contudo é  
ELLA  
Traz uma valise  
um sujeito de perneiras  
um perfume e uma cestinha de laranjas  
O sujeito arranja o banco e dá o fóra  
por ellipse  
o trem tambem

—  
A paisagem continúa como um filme em serie  
Monotonia de eschola literaria  
Tem outras estações  
e não parece  
parecem com as outras  
cafesinho de rapadura  
a venda amarella  
a moça na janella

E ella fica sendo uma oportunidade  
e a paisagem vai ficando fechada na valise della

e debaixo do banco  
e debaixo do banco  
e debaixo do banco  
como diz a machambomba estralando os trilhos na chispada

—  
Meias de sêda muito finas esculpem pernas cinzentas  
o chapéo importantifica os cabellos louros  
os olhos verdes ficam muito bem  
bem bonitinha

pequeninha  
toda em inha  
todinha  
e devia ter pregado nella o aviso FRAGIL  
fragilima é que é

—  
Vê todos os olhares pendurados aos seus gestos  
Não tem nenhuma cara de gatuno no carro  
e as perolas do collar são falsas mesmo  
tambem o conductor pôz os bigodes de Mefistofeles atôa  
e ella não acredita no diabo e elle picôta os bilhetes

O que sabe é que uma aventura talvez banal  
cabe em toda parte e naquelle trem  
que o desejo dos homens viaja tambem

Annuncios derivantes da tentação  
distracção  
Gets-it Urudonal Kafy Tosse Bromil  
o Brasil é um vasto hospital

Não se pôde ter certeza si é fidelidade ou fraqueza  
quando ella se debruça na vertigem da paysagem  
porque tem um tenente bem decente no banco em frente  
parecido com a vizinha da modinha  
e uma gentileza unanime de emprestas canivetes  
si ella fôr chupar uma laranja

—  
Ella vê tudo isso num olhar  
e nos taes olhares pendurados  
melhor pregados  
aparafusados  
da estróphe lá de cima  
vai não chupa laranja nenhuma  
evita a occasião da sabedoria popular

tira uma alliança das luvas  
e foge prum livro amarello cheirando pó-de-arroz  
A respeito dos outros  
só faltava citar a raposa das uvas

—  
Mr. Paul Bourget é que faz ella innocente  
ninguem diria mas é  
O Idyllo Tragico  
traducção livre  
tapando as greladas dos conquistadores ferro-viarios  
impedindo flêrte em cadernetas kilometricas

—  
Na ultima estação do ramal  
entre carregadores hoteis taxis jornaes  
ella desembarca casta e pula depressa  
Chavinha GOLDFILLED  
pro beijo e pro FORD onde o marido espera  
dentro do CODIGO CIVIL



## O 7 DE SETEMBRO E O CORONEL JOSÉ VIEIRA DE RESENDE E SILVA

Commemorou-se, nesta cidade, no dia 7 do corrente mez, a passagem do quinquagesimo anniversario do Municipio de Cataguazes—fundado pelo saudoso e eminente Coronel José Vieira de Resende e Silva.

Algumas palavras sobre a alta personalidade do creador e fundador da Villa de Cataguazes é encargo que se nos impõe, na data de hoje, ao sair o primeiro numero de *Verde*.

Tanto mais quanto neste longo decurso de tempo ainda não surgiu homem, entre nós, cataguazenses, que eguaes serviços nos prestasse—seja no terreno politico, seja no terreno administrativo propriamente dito, dada a especialissima circumstancia de haver sido o cel. Vieira de Resende o alicerçador da grande obra realisada, que é hoje o Municipio de Cataguazes. Homem igual ainda não surgiu, na verdade.

Não que nos tenham faltado espiritos do alevantamento moral do de José Vieira de Resende e Silva,—filhos de nossa terra ou estranhos que a ella veem servir. E' que, desses poucos, alguns se recolheram desde cedo á vida privada, por inconfessaveis motivos superiores, e outros buscaram maiores centros onde mais facil e brilhantemente poderiam vencer a contra-corrente da luta pela vida. Nenhum, porém, dos homens publicos de nossa terra siquer se aproximou desse varão illustre que encheu de luzidos galardãos o nosso passado, descontinando-nos o mais claro dos futuros.

A' geração de hoje, que é a nossa geração, incumbe conhecer um pouco mais de perto essa attrahente e singular figura de hontem. Sim. Faz-se mistér, agora, quando soffremos de um modo geral a bancarrota dos caracteres, o conhecimento de homens da estatura do cel. José Vieira de Resende e Silva.

Provindo dos campos de Lagôa Dourada aqui aportou em 1842 uma estranha figura de homem. Sabedor da fertilidade de nossas terras, e talvez já aborrecendo a sua vida instavel e andeja, consumida durante alguns annos pelos sertões de Minas e Goyaz, na aquisição de gado, o major José Vieira da Silva Pinto, pae do cel. Vieira, rumou para Santa Rita do Meio Pataca, adquirindo aqui immensas propriedades territoriaes. Homem rico, senhor de grande leva de escravos e três mil alqueires de terra, o major José Vieira da Silva Pinto installou-se desde logo, como um antigo feudal, a duas e meia leguas do povoado, construindo ali a tradicional Fazenda da Gloria, hoje, em ruinas, na estação do mesmo nome, da Estrada de Ferro Leopoldina.

De elevada estatura, trazendo inteiramente rapalos a barba e o bigode, o olhar duro, affeito ao dominio e ao mando,—a esse verdadeiro typo varonil, a essa mascula e sorprendente figura de bandeirante audaz, que penetrou os nossos sertões abrindo picadas no seio verde e hostil da matta virgem, deve o rico e florescente municipio de Cataguazes o inicio da sua éra de louros e prosperidades.

Não foi, porém, tão sómente, o seu typo phisico, altamente dominador, ou a sua fortuna, a causa do illimitado prestigio exercido desde logo pelo major Vieira em toda a extensa zona da matta. Mais do que isso, o que o tornava esse invejavel conductor de homens era a rija tempera de seu character inquebrantavel, e, bem assim, a notavel agudeza da sua intelligencia, embora lhe não sobrasse a necessaria cultura para maiores realces desses seus attributos.

Aqui creou-se e cresceu a numerosa familia do major Vieira e com ella o pres-

tigioso poder de seu chefe, cognominado mais tarde o *Leão da Matta*.

\* \* \*

E de entre os seus filhos illustres, um, sobretudo, se destacou, herdando plenamente os dotes moraes de seu progenitor, mas crescendo-se-lhe ainda mais largos conhecimentos culturaes, e, talvez oriunda dessa mesma razão, maior affabilidade no trato e uma mais facil compreensão dos direitos de conquista no terreno social...

Era o Coronel José Vieira de Resende e Silva.

Considerada a sua filiação, e, bem assim, a integral herança dos attributos moraes de seu illustre ascendente, não poderia deixar de caber, porisso mesmo, ao cel. José Vieira de Resende e Silva o desempenho das mais altas funções na administração e na politica de sua terra.

E assim foi.

Aos 33 annos de idade ingressou na politica, militando nas fileiras do Partido Conservador. Eleito deputado provincial em 1861, em substituição ao barão de Ayuruoca, deu brilhante desempenho ao mandato, cabendo-lhe no biennio seguinte, com a sua reeleição, a secretaria da Mesa.

Dentro ou fóra da Assembléa teve sempre em mente, o cel. Vieira, a grandeza e a prosperidade de sua terra. Mais tarde, em 1875, taes e tantos fôram os seus esforços, o Governo da Provincia, com a promulgação da lei nº 2180 de 25 de Novembro, creou o Municipio de Cataguazes. Entretanto, sómente a 7 de Setembro de 1877 era solennemente installada a Villa. Com a presença de pessoas de alta representação, entre as quaes os eminentes brasileiros drs. Carlos Peixoto de Mello e Diogo de Vasconcellos, ficou, tambem, nesse mesmo dia, constituída a primeira Camara, da qual foi eleito presidente o Coronel José Vieira de Resende e Silva.

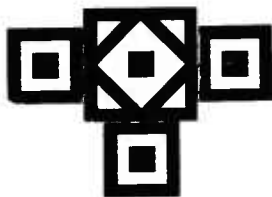
Como administrador, o cel. Vieira, primeiro presidente da Camara Municipal, completou a fundação, consolidando o terreno onde se construíram os solidos alicerces desse edificio maravilhoso, que é hoje o municipio de Cataguazes. Facil seria, depois de assentados os alicerces, o levantamento da obra,—cabendo, porisso mesmo, ao seu iniciador o melhor quinhão de glorias, pois que a elle se devem, na verdade, a estabilidade das bases, delineado ainda por estas o plano geral do monumento em perspectiva. Presidente da Camara em dois quadriennios successivos, ahí veio encontrá-lo a morte aos 12 de Setembro de 1881.

Comtudo Cataguazes venceu a sua caminhada esplendida. Teve, é certo, a sua *idade media*, conforme ficou patenteado na obra altamente meritoria de Arthur e Astolpho de Resende. Noite escura de duas decadas approximadamente, sob a direcção politica do sr. Astolpho Dutra Nicacio. Nada fez o eminente politico pelo desenvolvimento de sua terra, apparecendo apenas, em todo esse decurso,—diga-se a verdade sem resentimentos ou paixões—o que ficou do patriotico esforço de João Duarte Ferreira.

Actualmente encontra-se á frente do executivo municipal o dr. Antonio Lobo de Resende Filho. Moço culto e empreendedor, o dr. Lobo Filho vem remodelando a cidade, melhorando as condições geraes do municipio, que é hoje, sem favor, um dos mais florescentes do Estado.

De entre as homenagens prestadas pela Camara Mnnicipal, no dia 7 do corrente, ao cel. José Vieira de Resende e Silva, cumpre salientar a do levantamento de uma herma, que perpeturá a memoria do fundador do municipio,—feliz lembrança do sr. Luiz Soares dos Santos, redactor do nosso presado collega "Cataguazes"

A todas essas homenagens, embora tardiamente, *Verde* se associa—saudando os grandes vultos que enobreceram e ainda hoje enobrecem as nossas velhas tradições de gente culta e progressista.



## BLÓCO

Então aparéce o balisa  
Moleque sestroso vestido de rei  
De léque em punho  
Dansando faceiro  
Rodeiando o estandarte de seios agudos  
Depois a baiana batuta de chinélo e meia  
Com os braços nuszinhos da silva  
Sacudindo colares de 500 réis  
Girandóla os quadris esféricos  
Só prá pôr buscapés nos sentidos dagente  
E o Chico da Venda todo de principe  
Cabra sarado no samba  
Súrge num passo dengoso  
E um bando de mulatas caso-sério  
Numa geometria gostosa  
Vem vindo cantando  
Tocando tambôr

Filho da lira é o meu amô  
Branco encarnado é o vencedô

THEOBALDO DE MIRANDA SANTOS.

## NOCTURNO

A Henrique de Resende.

Noite de maio.  
Noite fina de gaze e de legenda.  
As arvores têm recortes macabros  
na téla escura da treva.

Anda no espaço um cheiro bom de angelica,  
um cheiro forte de cravos e glycineas.

E nessas noites de maio enquanto a gente réza baixinho,  
o silencio conta muita historia,  
muita coisa linda para adormecer...

E' quando a gente fecha os olhos.  
E' quando a gente sorri e fecha os olhos a sonhar ..

GUILHERMINO CESAR.

## PARADOXO

Quanta alegria veio trazer-me  
a tristeza da tua ausencia..

Longe de mim,  
longe dos outros  
que sempre julguei  
mais pertos do teu coração...

Tenho certeza que de longe  
longe estás do coração dos outros  
e perto do meu coração.

Alegria de seres esquecida...  
Alegria de pensar  
na tristeza da tua ausencia...

MARTINS MENDES.

## O ESTRANHO CASO DE MATIAS QUALQUER

Pequeno.  
Magro.  
Feio.  
Olhos grandes cinzentos.  
Boca rasgada.  
Dentes de rato.  
Nariz a la creoula.  
Cabello quasi castanho.  
Quasi russo.  
Cara chata.  
Um terno preto.  
Um chapéo preto.  
Uma gravata preta.  
Uns oculos sem gráo:  
MATIAS-QUALQUER

\* \* \*

Vae o tio major chefe politico arran-  
jou pro Matias com o compadre senador  
uma mamata em um ministerio qualquer.  
E lá se foi o Matias pra aquelle peda-  
ço de terra sem dono—o Rio de Janeiro.

Uma pensão.  
A viuva de quarenta annos com uma  
cara de bons amigos.  
E camarada.

Xixi.  
Quinze annos morenos de vestidos cur-  
tos pernas a mostra e olhar de convite.  
Uma carioca.  
Mãe viuva.  
Mamata no ministerio.  
O pae de Xixi mandára pro inferno  
meia duzia de ladrões de cavallo.  
Vae:  
Uma medalha de folha-de-Flandres.  
Honra ao merito.  
A viuva do bravo capitão Estacio No-  
ronha Machado Alves de Andrade vivia e  
mais a filha e mais um filho duma mamata  
que lhe deixára a valentia do marido.

Xixi tinha um irmão.  
O irmão de Xixi—secretario de qual-  
quer coisa.  
Com promessas de subir.  
Tranzição entre o moço do Rio e o  
cangaceiro do Ceará.  
Bam—Bam—Bam.

Matias achou que Xixi devia ser uma  
noite bem dormida acordada.

Olhou pra Xixi.  
Olhou mais.  
Xixi ficou danada da vida.

Coitado do Matias!  
Vae a gente ser feio!

Xixi.  
Xixi.  
Xixi.  
Coitado do Matias!

Xixi foi pra uma pensão da rua Ria-  
chuelo.  
Lá se foi seu Matias acompanhando.  
Xixi xingou elle.  
Chamou elle de feio.  
Bobo.  
Mineiro.

—Intervallo para o autor pensar no fim  
que ha de dar ao Matias có a Xixi etc.—

Xixi adoeceu.  
Um quinto annista de medicina ban-  
cou o medico.  
Veio o dr. lá da esquina.  
Não teve geito.  
Xixi morreu serenamente com a mes-  
ma calma com que divertia os namorados  
nos cantos escuros dos cinemas.  
Mudou de mundo como mudava de na-  
morado.

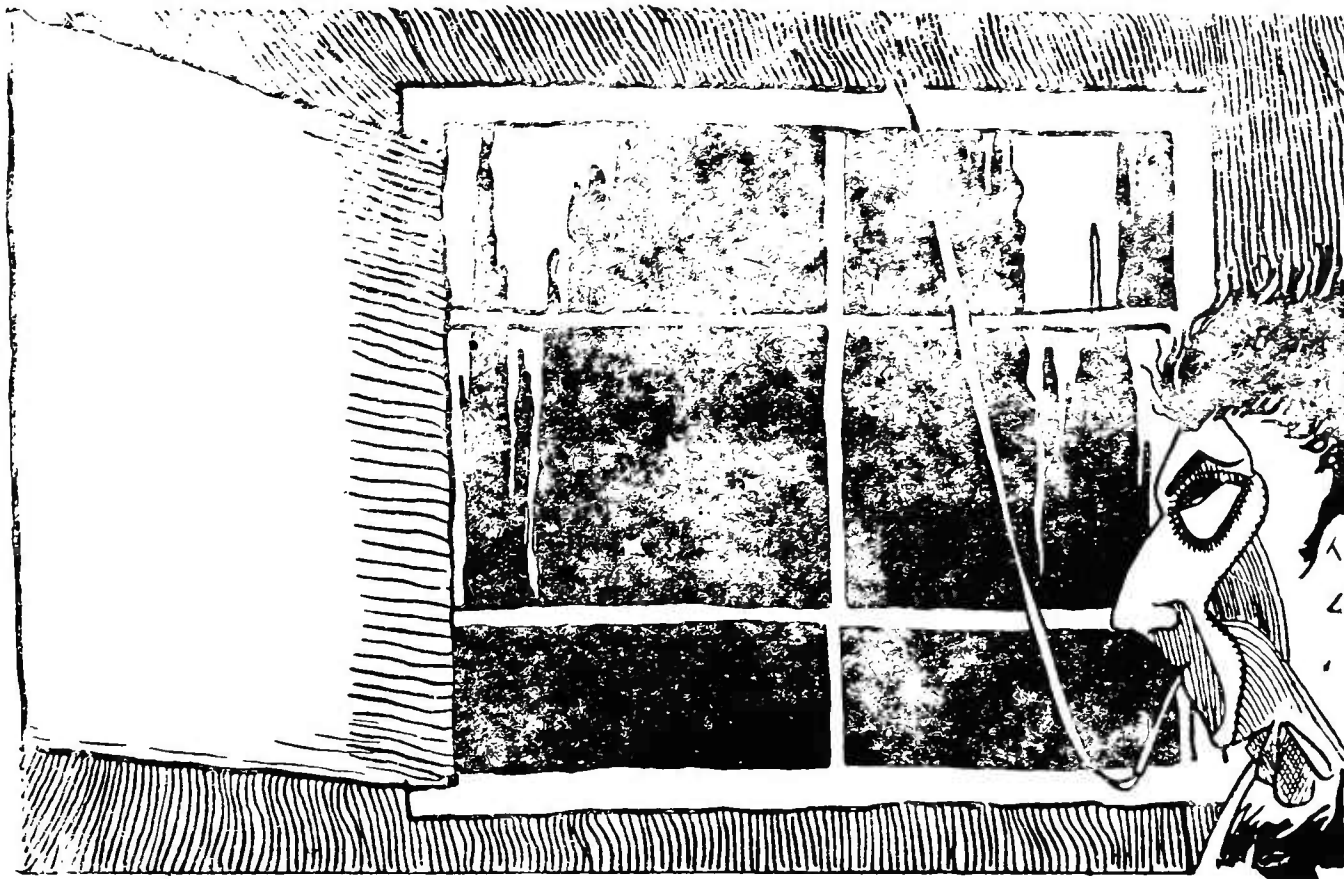
—Esse negocio da gente vigiar os  
mortos!  
—Eu é que não sou besta.  
Vou dormir.

Xixi ficou dormindo só-zinha lá na me-  
sa rodeada de velas e de seus pecados.

O irmão da Xixi veio duma farra e en-  
contra seu Matias numa cena de amor com  
o cadaver da Xixi.  
Tava armado.

E um fio de sangue sinuoso e delica-  
do manchava o collarinho delle como se ti-  
vesse a pretensão de escrever a historia de  
um Matias Qualquer.

CAMILLO SOARES.



## TERNURA

Para o João Martins de Oliveira.

No silencio do meu quarto vasio  
ha um momento irreparavel  
De lassidão.

A noite cáe sobre a tristeza das coisas,  
e eu sinto que ella cáe sobre mim tambem!

E eu a esperar, á esperar inutilmente...

Quando você morreu, mamãesinha, todos me diziam  
que eu não chorasse porque você viria todas as noites  
lá do outro—mundo  
acalantar o somno do seu filhinho.

E até hoje você não veio...

Será porque eu deixo sempre accessa a luz do meu quarto?

Olhe: vou apagal-a e irei depois ficar na janella  
para ver si vejo você chegar.

Mas os meus olhos não vêm nada...  
Elles estão cançados de chorar!  
Não encontrar na paisagem distante  
um motivo de alegria para os meus olhos.  
Sómente lá longe aquellas luzinhas veladas.  
—Serão luzes do quarto de um doente?

De repente  
uma apagou-se:  
é a Morte que faz ronda na solidão da noite.

FRANCISCO IGNACIO PEIXOTO.

FRANCISCO  
IGNACIO  
PEIXOTO.  
E/CREVEU.



RO/ARIO.  
FU/CO.  
DES  
ENHO

## SAMBA

Gyram e regyram corpos pretos á luz das chamas...

Longe...

Vozes murmurejantes, vozes raseantes rondam a preta

Arriba—arriba—seri—ganguê!

O cabinda: bate—bate—bate

o caxambú redondo que estronda e regonga tonto.

O ventre impinando todo  
estica o umbigo um corpo  
—bumba!

Em volteios de serpente

rouco

louco

bole—bole—bole.

E se desconjunta,

e se desengonça,

e se desarticula..

Cajueiro—cajuá!

... na sombra da sanzala onde faúlhas são estrelas...

O caxambú redondo, estoando zabumba e rola

re—tum—ban—te...

(seri—ganguê)

longe, na sombra da sanzala...

ROBERTO THEODORO.

## PRELUDIOS

### DE HENRIQUE DE RESENDE

Para Abgar Renault

#### Um

Escreve pouco.  
Mas sempre tenha um ritmo de belleza o teu trabalho.

Olha:

Cáe um pingo de orvalho numa petala de rosa.  
E, no entretanto, um céu-de-inverno, inteiro, se reflecte  
nessa gôtta de orvalho...

#### Dois

Enguirlandas teus versos com as papoulas e as framboeas  
com que Samain corôara as suas illusões.

Poeta Americano!

Porque esquecer o verde-claro  
que ha nas fôlhas polidas dos inhames brabos,  
e a ardencia tropical dos tinhorões?

#### Três

Todo-mundo fala mal de você.  
Das mulheres que você tem, dos automoveis  
que você collecciona sem saber para que.

—Um perdulario, um sem-moral, um quase louco...

E eu fico pensando no desejo que todo-mundo tem  
de ser você..



## LITERATURA

SÃO FRANCISCO DE ASSIS E AS AVES.  
MARIO CASASANTA.

«Gazeta de Pouso Alegre» — 1926.

Não sei si o sr. Mario Casasanta seria capaz de seguir o exemplo daquelle torturado inglez D. H. Lavrence, que se foi metter entre os indios mexicanos para fugir á civilisação. A idéa é extravagante, mas não é absurda. O sr. Mario Casasanta achou a solução para o seu caso refugiando-se no interior de Minas. Fugindo tambem á civilisação? Acho pouco provavel essa hypothese. Não vejo de onde possa vir o motivo dessa repulsa dos temperamentos religiosos para com os meios intensos de civilisação. O proprio sr. D. H. Lavrence havia de chegar á conclusão de que isso de viver entre creaturas de um detestavel primitivismo é muito bom para os reporters e para os *inglezs*. Só.

Parece existir, mesmo, uma necessidade absoluta desse contacto do nosso espirito religioso com a humanidade em synthese, com a humanidade, viva, absurda e contradictoria, que é a humanidade das grandes urbs. Só ha vida interior, vida dymnica e necessaria, nesse vae-vem eterno de appellos e de repulsas entre o nosso espirito e a realidade. Nessa reacção e acceitação permanente, em que as camadas mais fundas do nosso ser constroem as bases humanas de sua estructura espiritual.

De onde nasceram as grandes e avassaladoras correntes de reacção espiritual dos nossos dias—o espiritualismo catholico, e o revolucionario, spinozista desabusado, sinão desse contacto desesperado entre o tumulto e a febre, a ansia e as inconsequencias de uma civilisação extrema e o espirito doloroso e vigilante de uma élite do seculo?

Mas, falo aqui quanto a um certo espirito religioso o inquieto e especulativo. O que vive em acção. O que não se fixou ainda, nem ainda adormeceu, tranquillo e solido, sobre os dados puros com que o sentimento, em estado de imperativo cathogorico, abafa a nossa necessidade especulativa. Porque ha espirito religioso, e espirito religioso—Maritain e Claudel. Inquietação, tortura, duvida; e posse absoluta, serenidade. Um é caminho; o outro fim, repouso. Si no primeiro se resolve a tragedia de todos os grandes espiritos, no segundo se desenvolve aquella religiosidade evangelica, que a gente vae encontrar nos mysticos abandonados. Entre esses ultimos,—aquellas

creaturas que se localisaram entre um amoroso bucolismo e uma beatitude lyrica no isolamento.

Não será este ultimo o caso do sr. Mario Casasanta? Parece que sim. No autor dessa conferencia sobre aquelle que foi a maior figura do seculo XIII, não se verificam aquelles conflictos intimos entre razão e sentimento, conflictos que provocavam em Pascal, por exemplo, verdadeiros *estados* de relampagos em sua tragedia espiritual. O sr. Casasanta é um seguro espirito de religiosidade. Um seguro e suave espirito. Crê sem complicações e sem exigencias. E' um feliz, portanto. Nelle o espirito religioso é o proprio fundo de sua intelligencia. Com que graça amorosa e com que fundo sentimento de lyrismo a sua alma se desenvolve, atira-se e borboleteia em torno de seus *motivos*, a que elle empresta a doçura mansa de seu estylo!

Si a gente fosse procurar nas literaturas de todos os paizes um irmão mais velho do sr. Mario Casasanta, é bem possivel que o nome de Francis James se apresentasse logo ao nosso espirito critico. O Francis James do "Le denil des Primevères". E do "Les Géorgiques Chrétiennes". Um Francis James que houvesse voltado do convivio disciplinador, mas tambem asfixiante dos classicos. Porque o sr. M. Casasanta, que é senhor incontestavel de sua lingua, *soffreu* um convivio longo com os velhos escriptores da lingua, convivio de onde elle trouxe uma riqueza luxuosa de recursos expressionaes, se bem que ainda não se tenha libertado bem dos peccados e prejuizos desse convivio.

Nós preferiamos ver menos ordem, menos syntaxe lusa na sua linguagem. Sentir, ali, em um estylo mais *nosso*, a sua força intellectual, a força de sua alma e de sua intelligencia brasileiras, palpitanes de vida e de verdade psychologica.

Si eu me occupo mais demoradamente e a proposito dessa conferencia do sr. Mario Casasanta, não é só pelo que ella me suggeriu ou me fez pensar. E' pelo que me faz pensar e me suggere a figura curiosa desse beneditino de Pouso Alegre, grande alma e grande intelligencia, de quem as letras patrias muito têm a esperar. Porque o sr. Mario Casasanta é uma expressão moral e intellectual com quem se deve contar.

EMILIO MOURA.

«VERDE»

ROSARIO FUSCO.

Rosario Fusco vae publicar 20 e 4 poemas modernos. Vae publicar o "VERDE" Livro bom, verdadeiramente bom. O poeta delicado do "VERDE", de uma sensibilidade extranha e fina, vae apparecer. Cataguazes ainda não o conhece intellectualmente. Sabe que o poeta é pobre. Nada mais sabe. Pobre! que pobre-rico o extraordinario poeta-verde!

Seus versos teem a caricia do vento leve, a tepidez do sol-poente, o colorido bizarro das flores-tropicaes, o sabor dos fructos maduros. São brasileiros da gemma, "*brasileiros de Minas Geraes*"

O "VERDE" não é verde — é amarello porque é todo pó-de-ouro, ouro que a batea da sensibilidade do poeta-garimpeiro tirou da terra das minas geraes.

Do "VERDE" este delicado poema:

## JANEIRO

Na transpiração abrazadora dos caminhos  
—onde as arvores são como gestos cançados, cançados,  
frutos caem amarellecidos de sol...

No velludo eriçado das cabelludas,  
no vermelho brunido dos joás,  
na adstringencia morena das mangueiras,  
e na eterna pallidez das goiabeiras,  
e na vibração dos frutos que balangam,  
dos frutos que balangam como missangas penduradas...

Ha em tudo um desejo que treme...  
Um desejo de agua que molhe as folhagens asperas,  
nas arvores rispidas...

—Os teus labios são frutos brabos  
amarellecidos de sol..

E ha uma longa promessa de beijos,  
uma longa promessa de beijos acidos  
em teu olhar..

(Quando virá a chuva que molhe, a chuva que satisfaça o desejo  
dos frutos que tombam das arvores rispidas?!)

—O meu beijo é como a chuva em que os teus labios vão molhar..

Este poema basta. Elle define bem o poeta que ainda é creança. 10 e 7 annos apenas. Já é muita cousa. Promette muito. Esperamos o "VERDE" que é cheio de

fructos maduros e saborosos. Fructos brasileiros.

MARTINS MENDES.

Cataguazes—Agosto—1927.

## SONIA

A noite caiu lenta e lenta  
como um enorme pano de bôca,  
fechando o palco do dia...

E o meu quarto ficou cheio da tristeza  
de tua ausencia.  
De tua longa ausencia  
que desenrolou na minha vida  
o silencio pesado dos homens lyricos...

(No meu quarto  
a lampada, ha pouco accesa  
e agora apagada,  
era a lagrima de oiro suspensa  
no vazio.)

O silencio é um beijo longo, molle, silencioso..

FONTE BOA.

## O POEMA DO MEU PRIMEIRO AMOR

Ha um sussurro vago dentro da tarde vaga.  
Um sussurro leve como um sonho  
e breve como a felicidade...

Ao longe  
vae se accendendo aos poucos a cidade..  
a cidade pequenina do meu sonho,  
do meu sonho de Poeta...

A cidade pequenina onde ella vive..

E esse sussurro vago  
Vem me trazer a lembrança della  
que ficou do outro lado do meu desejo...  
A lembrança della  
que vive no meu pensamento..

E eu nunca poderei esquecel-a  
porque se eu a esquecer  
eu terei um grande remorso...  
e eu não me quero afastar  
da felicidade...

Ao longe  
Vae se accendendo aos poucos a cidade...  
e ella está tão distante! tão distante!..

OSWALDO ABRITTA.

# NTOAS DE ARTE

## MUSICA E CINEMA

### THESOIRO PERDIDO

Quando o sr. Humberto Mauro abandonou tudo pra explorar a industria cinematographica,—todo o mundo rio do sr. Humberto Mauro. Agora quem póde rir de todo mundo é o sr. Humberto Mauro.

THESOIRO PERDIDO a segunda producção da PHEBO-FILM de Cataguazes é—sem exagero algum—uma pellicula maravilhosa.

O sr. Humberto Mauro demonstrou nessa fita que entende mesmo da difficil arte de filmar.

A photographia é boa. O enrêdo bom. A direcção magnifica!

Gostei formidavelmente!

Pena que os interiores sejam tão mal filmados. Os trucs são bons tambem. E onde o sr. Humberto Mauro salientou-se de facto profundo conhecedor desse negocio é na visualização. Esse trabalho tá perfeito! E não tem nada a desejar em comparação com o que vemos nos films americanos.

Não gostei—no film—da escolha dos tipos. Aquelle gajo de bigodinho, por exemplo. Em todo o film a gente toma uma raiva damnada do vilão. Nessa fita o negocio é differente: o sujeito tem uma cara tão bôba que a gente tem dó d'ele...

Bruno Mauro vae bem. Bem Nil revelou-se um artistazinho interessante.

O sr. Humberto com esse film cataguazense-brasileiro-mineiro retratou quasi fielmente as coisas de nossa terra. Já é actuar pela brasilidade! (coisa rarissima entre os brasileiros!) Aquella scena do sapo e das garruchinhas, por exemplo, tá boa pra burro! Aquelle negro tá gozadissimo! E outras coisas mais que só a gente assistindo a fita mesmo.

E' a primeira fita nacional! Fita genuinamente cataguazense-brasileira-mineira. O sr. Humberto Mauro tá de parabens!

\* \* \*

O Brasil é dos brasileiros. E todo o fan que acompanha com interesse o progresso da nossa ci-

nematographia deve assistir a este film onde o sr. Humberto Mauro revelou-se um director de peso! Talvez o melhor do Brasil!

### CONCERTO RENATO GAMA

O pianista mineiro sr. Renato Gama realizará brevemente no salão nobre do Commercial Club um recital interessantissimo (novidade pra essa terra atrazadissima em coisas de arte!) de musicas classicas escolhidas.

Assim é que ouviremos, dentre outras composições de autores consagrados—o CARNAVAL de Schumann—peça predilecta da phantastica pianista patriicia Senhora Guiomar Novaes.

Pena que o sr. Renato Gama, moderno e moço como êle é—não execute musicas brasileiras, tipicamente brasileiras, como—A JANGADA de Nepumuceno e a melodia sobre versos de Olegario Mariano—ZE' REIMUNDINHO,—de Jayme Ovalle,—compositor moderno queridissimo nos centros musicas do Rio de Janeiro,

Tah! uma coisa: este é o unico defeito do sr. Renato Gama!

Porque execução êle tem.

Expressão êle tem.

Tudo quanto é preciso pra um bom tocador de piano—êle tem! (Ah! descobri outro gravissimo defeito em Renato:—ser modesto...)

Esse negocio de Modestia já tá fóra de móda. E si o sr. Renato Gama continuar assim tá ruim...

Eu como admirador e amigo da sua arte luzsombra (perdoe o passadismo da imagem...) aconselho-o pra que largue esse negocio de banda.—Se não não vae.

\* \* \*

Olha aqui:

—no proximo numero o programa do concerto.

R. F.

# VERDE

Publicará no proximo numero trabalhos inéditos de: Carlos Drumond de Andrade, João Alphonsus, Lage Filho, Edmundo Lys, Theobaldo de Miranda Santos, Roberto Theodoro, Ascanio Lopes, Martins de Oliveira, Emilio Moura, Martins de Almeida, Pedro Nava, Sergio Milliet e outros :: :: tros nomes em evidencia na Moderna Literatura Brasileira. :: ::

## PIRAMIDAL !



Parece mentira mas é verdade  
que a JARDINEIRA vende de tudo e a  
preços sem competidores.

Ver para crêr !

**PEIXOTO, SILVEIRA & CIA.**

Rua Cel. João Duarte -- Cataguazes

**Agencia Chevrolet e Oakland**

**Mechanica e officina de concertos**

Gazolina, óleo e graxa. Pneumaticos, camaras de ar e outros artigos

**Carregam-se acumuladores**

SORTIMENTO COMPLETO DE PEÇAS PARA AUTO EM GERAL

**CIODARO & FILHO**

**Avenida Astolpho Dutra -- Phone, 95**

**CATAGUAZES -- MINAS**

# BANCO HYPOTHECARIO E AGRICOLA DO ESTADO DE MINAS GERAES

FUNDADO EM 1911

(FISCALIZADO PELO GOVERNO DO ESTADO DE MINAS)

Séde Central: BELLO HORIZONTE — Succursaes: RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

**AGENCIAS:** Alfenas, Araguay, Aymorés, Barbacena, Campos, Cataguazes, Conquista, Curvello, Dolores de Indayá, Formiga, Guaxupé, Juiz de Fóra, Lavras, Manhuassú, Mar de Hespanha, Montes Claros, Oliveira, Palmyra, Passa Quatro, Passos, Ponte Nova, Porto Novo do Cunha, Pouso Alegre, Santa Luzia do Carangola, Santo Antonio do Jacutinga, Santos, São Paulo do Muriahé, São Sebastião de Paraiso, Ubá, Uberabinha, Varginha e Victoria.

Dispõe o BANCO HYPOTHECARIO E AGRICOLA DO ESTADO DE MINAS GERAES de uma completa e bem organizada rede de correspondentes, quer no paiz, quer no Extrangeiro, estando portanto, habilitado a attender com toda a presteza os seus clientes, mediante uma comissão modica.

**Paga Juros:** Em c/c LIMITADA — limite de rs. 20:000\$000 6 % ao anno, capitalizados de 6 em 6 mezes. Esta conta pode ser iniciada com rs. 20\$000 e começa a render juros de rs. 50\$000 para cima. Em c/c Movimento—sem limite— 3 % ao anno, capitalizados de 6 em 6 mezes.

### Deposito a prazo ou letras a prazo

Em 3 mezes 6 % ao anno; em 6 mezes 7 % ao anno; em 12 mezes ou mais 8 % ao anno.

(Estes depositos só são acceitos de reis 100\$000 para cima.)

O Banco não cobra Cadernetus, nem os sellos de depositos. — Faz todas as operações bancarias.

Para melhores informações, que serão prestadas com o maior prazer e devida attenção,

dirigir-se a agencia desta cidade, á

**Praça Ruy Barbosa — Edifício da Cia. Força e Luz**

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: — MINASBANK — CODIGO MASCOTTE E RIBEIRO

**CATAGUAZES -- MINAS**

# SALGADO & COMP.

A HONROSA CARTA DO «INSTITUTO TECHNICO INDUSTRIAL»

Rio de Janeiro, 13 / 8 / 1927.

Illmos. Srs. Salgado & Cia.

Saudações.

Sem resposta ao nosso officio proclamatorio remetido em Maio de 1927, tomamos a liberdade de voltar ao assumpto, para saber si auctorisae a remessa do «GRANDE DIPLOMA DE HONRA DE PRIMEIRA CLASSE E A MEDALHA DE OURO DO MERITO», com que foi vossa firma premiada, por este Instituto, ante o brillantismo com que vos houvestes na EXPOSIÇÃO DE AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO DE BELLO HORIZONTE.

Vossos mostruarios deixaram entrever a excellencia da elaboração dos productos nelle contidos. RESULTANTE DO RIGOROSO CRITERIO TECHNICO QUE A DIRECÇÃO DE VOSSO ESTABELECIMENTO MANTEM.

No Patrimonio industrial de nossa Patria, vossa empreza acha-se em posição destacada, e, por tal merece todo o apoio das classes consumidoras.

Alem da homenagem acima referida, este Instituto houve por bem : —acclamar vossa firma MEMBRO TITULAR deste Instituto, (vide art. 8 de nossos Estatutos) ante os serviços extraordinarios que tendes prestado ao progresso fabril brasileiro.

Aguardamos vossa resposta para a sequente remessa dos laureis, bastando para tal o retorno do BOLETIM DE ADHESÃO PREENCHIDO.

INSTITUTO TECHNICO INDUSTRIAL

Eng. Julio A Barboza

Director Secretario

# *Casa Fenelon*

(FUNDADA EM 1910)

## AGENCIA GERAL DE LOTERIAS

Jornaes, Revistas, Figurinos e Musicas



## VITROLAS E DISCOS

Sempre novidades -- Preços baratissimos

FORNECEM-SE CATALOGOS MENSAES

## FENELON BARBOSA

CATAGUAZES - ESTADO DE MINAS

TELEPHONE, 181